

## “Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na Idade Moderna

*“Too small, too little”. The child and the death in Modern Age*

Claudia Pancino<sup>1</sup>  
Lygia Silveria<sup>2</sup>

---

**Resumo:** No antigo regime, pelo menos até o final do século XIX, na mentalidade ocidental existia a consciência e a aceitação da elevadíssima mortalidade infantil. Testemunha disso são fontes literárias, autobiográficas, imagéticas (quadros, esculturas) e materiais (monumentos funerários, etc.). Outras fontes perpetuam práticas populares e fábulas, que “falam” da necessidade de consolo “social.” Crenças e rituais (ressurreição temporária, rituais do batismo e dos funerais) tiveram uma função de consolo, em vista, acima de tudo, da salvação da alma do recém-nascido; outros costumes como o retrato das crianças mortas, tiveram como objetivo da memória e de inserção da vida breve de criança na genealogia familiar. A partir do século XIX a morte de crianças fica cada vez mais insuportável.

**Palavras-Chave:** Infância, História, Mortalidade, Fontes para pesquisa (pouco usuais), Mentalidade

**Resumo:** *In antico regime, e fino almeno al XIX secolo, nella mentalità occidentale esisteva la consapevolezza, e l'accettazione, dell'elevatissima mortalità infantile. Lo testimoniano fonti letterarie, autobiografiche, fonti visive (quadri, sculture), e materiali (monumenti funebri, ecc.). Altre fonti tramandano usanze popolari, e fiabe, che “parlano” della necessità di consolazione “sociale”. Credenze e riti (resurrezione temporanea, ritualità del battesimo e dei funerali) hanno avuto una funzione consolatoria, in vista soprattutto della salvezza dell'anima del neonato; altre usanze, come il ritratto dei bambini morti, quella di ricordo e di inserimento della breve vita del bambino nella genealogia familiare. Dal XIX secolo la morte di bambini diventa sempre più insopportabile*

---

<sup>1</sup> Professora de História Social da Universidade de Bolonha (Itália)

<sup>2</sup> Tradutora Professora Assistente do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

*Parole Chiave: Infanzia, Storia, Mortalità, Fonti inconsuete [unusual], Mentalità*

*Abstract: In the ancient regime, until the end of the XIX century, in the western mentality there were the conscience and the acceptance of the elevated childhood mortality. Literary sources testify it, autobiographic, visual sources (pictures, sculptures), and material (funeral monuments, etc.). Other sources hand down popular customs and fables, which “speak” of the necessity of “social” consolation. Beliefs and rites (temporary resurrection, baptism ritual and funerals) had a consolatory function, and above all as regard the salvation of the soul of the child in the family’s genealogy. From the XIX century and on, the death of children became more and more unbearable.*

*Key-words: Childhood, History, Mortality, New sources for research, Mentality.*

---

## “Pequeno demais, pouco demais” A criança e a morte na idade moderna

*No outono do ano de 1589, quando no gueto de Praga grassava a grande mortandade de crianças, dois bufões miseráveis e encarquilhados (...) passaram por Belesgasse (...) Quando lá chegaram e viram, a sua esquerda, o muro do cemitério, Jäckele-Narr parou e indicou a porta do sapateiro Gerson Chalel.*

*Seguramente, Blütenlein, a filha do sapateiro, ainda está acordada, disse ele. Quero tocar para ela a canção “Tenho só seis anos, meu coração é feliz”; assim ela sairá e começará a dançar pela rua (...) Depois pegou o violino que carregava às costas e começou a tocar.*

*Mas, por mais que tocasse, a filhinha do sapateiro não queria aparecer. Jäckele-Narr largou o violino e pôs-se a pensar. Então, atravessou a rua e olhou pela janela aberta do quarto. Estava escuro e vazio, mas do quartinho vinha um clarão e Jäckele-Narr viu o sapateiro e a mulher, sentados, um em frente ao outro em banquinhos baixos, cantando a oração dos mortos pela sua menina que haviam sepultado no dia anterior.*

*Ela morreu, disse Jäckele-Narr. E assim, o sapateiro despencou do céu para a dura terra. Eu não tenho nada, mas daria tudo para que ainda estivesse viva. Era tão pequena, mas para mim, quando eu a olhava, era como se o mundo estivesse nos seus olhos. Tinha cinco anos e agora deve mastigar a terra fria.*

*Quando a morte vai ao mercado, compra de tudo – resmungou Köppel-Bä. Nada para ela é pequeno demais, pouco demais* (Leo Perutz, *Di notte sotto il ponte di pietra – À noite sob a ponte de pedra*). 1953

A história da infância é uma história triste. Falar de mortalidade e morte infantil no passado, na situação atual dos estudos, é premissa necessária para qualquer aprofundamento sobre o cotidiano da vida das crianças ou sobre o conceito de infância nos séculos passados<sup>3</sup>. Isso porque a vida das crianças, pelo menos até os dez anos de idade, mas particularmente, nos primeiríssimos anos de vida, era uma condição efêmera que podia cessar de uma hora para outra<sup>4</sup>.

A “leitura” de uma “fonte material”, um capitel sobre uma coluna, servirá como exemplo introdutório.

No pórtico da fachada frontal Piazzetta, do Palácio Ducal de Veneza, o décimo terceiro capitel é indicado nos textos, como *La vita amorosa e coniugale* (*A vida amorosa e conjugal*)<sup>5</sup>. Aí é representada uma seqüência de oito “cenas”, entre as folhas de acanto, que contam o que pode ser interpretado como a história de uma família. (Figura 1)

Na primeira cena, vê-se um jovem que conversa com uma moça à janela, tendo uma mão no coração e a outra apontada para ela. Ela sorri e mantém uma das mãos apoiadas no beiral e a outra sob o seio: é o encontro no qual os dois jovens se olharam e se falaram. Na cena seguinte, os dois estão lado a lado, conversando e é ela agora que tem a mão no coração: é o namoro. Segue-se então o que parece ser a troca de um anel (de mão direita para a mão direita), enquanto a moça põe a esquerda

<sup>3</sup> Nota da tradutora: Frente aos novos conhecimentos e à incorporação da criança no quadro de proteção social, lembramos que a terminologia mortalidade infantil e/ou na infância está presente no decorrer deste texto e deve ser atualizada. Assim, vale lembrar que o termo mortalidade infantil refere-se à mortalidade de crianças de até um ano de idade. Por outro modo, mortalidade na infância refere-se à mortalidade de crianças até cinco anos de idade, incluindo a faixa etária dos menores de um ano. Como veremos em vista de serem citados documentos antigos, muitas vezes quando se fala em mortalidade da ou na infância não há uma especificação de faixas etárias.

<sup>4</sup> Para a definição, na História, de “infância” é essencial a síntese de Ottavia Niccoli: O. Niccoli, *I nomi dell'infanzia*, in Ead., *Il seme della violenza. Putti, fanciulli e mammoli nell'Italia tra Cinque e Seicento*, Roma-Bari, Laterza, 1995, p. 3-19. Nestas páginas usaremos o termo “infância” na aceção usual.

<sup>5</sup> A. Manno, *Il poema del tempo. Capitelli del Palazzo ducale di Venezia: storia e iconografia*, (com a contribuição de G. Romanelli e G. Tigler), Venezia, Canal & stamperia editrice, 1999, p.94-97.



Figura 1: La vita amorosa e coniugale, capitello (capital), Venezia, Palazzo ducale

sobre a cabeça dele, sobre os cabelos que ela também usa soltos por cima dos ombros: é o compromisso. Nas imagens sucessivas vê-se o abraço que firma o pacto de amor (passados os séculos, os dois parecem ainda sorrir). Depois, são vistos na cama ratificando o contrato conjugal: face a face no travesseiro estreito, os ombros nus saindo dos lençóis. Ele usa uma touca nos cabelos cacheados que chegam até as orelhas, a mão direita, por entre os cabelos dela, acaricia-lhe o pescoço. Na cena sucessiva, os dois já são pais, sentados um em frente ao outro, segurando cada um com uma das mãos, um recém-nascido enfaixado firmemente da cabeça aos pés. Segue-se uma imagem de estrutura similar à precedente, na qual pai e mãe, com ambas as mãos, seguram um menino que evidentemente ainda não anda, com os cabelos encaracolados soltos e uma veste abotoada até a cintura. (Figura 2)

Na cena seguinte, e última, os pais, lado a lado, velam o filho morto deitado diante deles, já maiorzinho, os cabelos mais bastos e longos. Um ou dois anos? Difícil dizer.

Ao mostrar essa série de imagens a numerosos estudantes de um curso universitário sobre a história da família, após a projeção da última imagem ouviu-se um “ooh” de susto.



13/7



13/8



Figura 2: La vita amorosa e coniugale, capitello (capital), Venezia, Palazzo ducale

Certo, não se sabe desde quando e por quem, aquela seqüência de cenas marmóreas, delicioso exemplo de fonte visual<sup>6</sup>, foi chamada de *A Vida Amorosa e Conjugal*. Entretanto, sabemos que até há dois ou três séculos, um novo núcleo familiar podia facilmente ter “destino” semelhante. À primeira gravidez seguia-se o longo período do aleitamento, no qual o neonato ou o lactente tinha grande possibilidade de não sobreviver. Com a morte eventual do primogênito, muitas vezes o casal não tinha outros filhos, pelo fato de a mulher ter ficado quase completamente estéril devido ao aleitamento<sup>7</sup>.

Antecipando a conclusão destas linhas, outra pintura, mais um testemunho. Trata-se de uma obra de Luigi Nono, que já nos anos setenta do século dezenove, representa a *Sepoltura di un bambino (Funeral de um Menino)* (Figura 3). Além da tristeza da cena, é comovente a composição da pequena multidão ao redor da cova. Vêm-se muitas crianças, mais precisamente sete adultos e oito crianças<sup>8</sup>.

Não só – e isso dizem a historiografia e as fontes, sobretudo as demográficas – a mortalidade infantil era, ainda em 1877, elevadíssima e era “normal” que as crianças morressem; mas em uma sociedade marcada pela alta taxa de mortalidade infantil, as próprias crianças não eram mantidas alheias ao fato de que a morte as esperitava.

Nas próximas páginas, farei referência à fábula dos irmãos Grimm (entre 1785-1863) *La camicina del morto (A roupinha do morto)*. A citação não terá referências bibliográficas precisas, uma vez que eu a tirei de um pequeno volume que conservo desde minha infância, que pertencera a uma tia; com o passar dos anos, o livro perdeu algumas páginas dentre as quais a primeira com o título e demais dados. A história me angustiava, no entanto

<sup>6</sup> P. Burke, *Testimoni oculari. Il significato storico delle immagini*, Roma, Carocci, 2002.

<sup>7</sup> Em relação à mortalidade infantil e época pré-estatística na Itália e na Europa, é ótima a síntese de A. Pasi *Contare gli uomini. Fonti, metodi, temi di demografia storica*, Milano, Led, 1992, p. 121-125. Vasta é a bibliografia sobre o assunto, vejamos pelo menos: P. M. Boulanger-D. Tabutin (sous la direction de), *La mortalité des enfants dans le monde et dans l'histoire*, Liège, Ordina, 1980; L. Del Panta-R. Rettaroli, *Introduzione alla demografia storica*, Roma-Bari, Laterza, 1994, as páginas 62-66 e 116-120 e a rica bibliografia citada. Para uma análise histórico-social do fenômeno demográfico cfr., J. L. Flandrin, *L'atteggiamento nei confronti del bambino piccolo e i comportamenti sessuali. Strutture antiche ed evoluzione*, in *Il sesso e l'Occidente: l'evoluzione del comportamento e degli atteggiamenti*, Milano, Mondadori, 1983 (1981), p.154-222. A respeito do vínculo aleitamento-fertilidade, cfr., C. A. Corsini, *Breastfeeding, fertility and infant mortality: lessons from the archives of the Florence Spedale degli Innocenti*, in S. Matthews Grieco-C.A. Corsini, *Historical perspectives on breastfeeding*, Firenze, UNICEF international child development centre, 1991.

<sup>8</sup> L. Nono, *Sepoltura di un bambino*, 1876-1877, Collezione Nono, Venezia.





Figura 3: Luigi Nono, Sepultura di un bambino, 1876-77, Collezione Nono, Venezia

esse tipo de leitura nos era proposto. Sem fazer uma pesquisa nesse sentido, acredito que, nas seleções contemporâneas de fábulas clássicas para crianças, *A roupinha do morto*, como outras de conteúdo similar, tenha desaparecido.

\*\*\*

O objetivo das reflexões que seguem é apontar indícios da mortalidade infantil nos séculos da Idade Moderna em seu contexto de história das sociedades e das mentalidades desse período, quando a morte pairava iminente como a espada de Demócles, sobre cada criança que nascia e crescia, o que não podia deixar de determinar em relação à infância, atitudes e comportamentos individuais e sociais profundamente diferentes dos que nos são familiares.

No passado, o conceito social de infância era, de fato, determinado pela consciência um tanto fatalista de que uma criança podia estar presente um dia e no dia seguinte não mais<sup>9</sup>. Tal conceito, nada tem a ver com a “criança preciosa” das sociedades ocidentais desenvolvidas dos dias de hoje: a criança pequena, geralmente, valia muito pouco. Assim, são absolutamente anti-históricas as lembranças nostálgicas de usos e rituais de um passado no qual jamais gostaríamos de que nossos filhos tivessem nascido. Ser criança significava estar atado a um fio e representar um papel social absolutamente inconsistente. Um estudo importante, de Francesco Corridore (1906), sobre a população do Estado Pontifício entre a metade do século XVII e início do século XX, apresenta dados do censo da população levantados a pedido do papa Alexandre VII, em 1656, com a particularidade de que faltam registros relativos à faixa etária entre 0 e 3 anos. Por que contabilizá-los se não se sabia se essas crianças se tornariam adultas? Se não se sabia se no amanhã estariam ainda no mundo<sup>10</sup>.

Quando se percorrem as fontes em busca de registros relativos às mortes e à mortalidade infantil, são inúmeras e ilimitadas as possibilidades de localizar documentos. Entretanto, às vezes, o olhar especializado de muitos estudos tende a obscurecer o contexto em que o dado estava originalmente inserido. Por trás dos números de certos estudos histórico-demográficos, por exemplo, os estudantes nem sempre conseguem ler de imediato o mover-se das relações, dos afetos, dos comportamentos, nas sociedades que desapareceram (muito mesmo valores e investimentos sociais).

Métodos didáticos “brutais” podem ser utilizados para iniciar os estudantes universitários na história da infância, procedimento esse que lhes trará consciência, mesmo que, por vezes, os choquem.

O primeiro convite pode ser a visita à parte mais antiga de um cemitério, observar os muitos túmulos de crianças e anotar a data de nascimen-

9 Também Gélis: “Para os contemporâneos, a situação era certamente perigosa, mas ela estava na ordem da natureza. Um recém-nascido deveria morrer? Será que seria vontade de Deus (...). Que uma criança morresse no dia do nascimento era banal. Certamente, a resignação não era cômoda, mas a vida continuava. Aliás, tínhamos escolha? Era preciso pensar nos irmãos e irmãs que tinham necessidade de ajuda no trabalho do campo que não esperava. No ano seguinte a criança era substituída, ‘refeita’. E para que tudo voltasse à ordem, dava-se ao recém nascido o nome do inocente desaparecido prematuramente” (J. Gélis, *Les enfants des limbes. Mort-nées et parents dans l'Europe chrétienne*, Paris, Aubert, 2006, p.18)

<sup>10</sup> F. Corridore, *La popolazione dello Stato Romano 1656-1901*, Loescher, 1906, p.13-15. Em tempo, a referência me foi dada pelo saudoso Lucio Gambi.



to e de morte inscrita em cada um deles. Constatar e descrever eventuais fotografias e epígrafes completará o "exercício". O docente apontará para os estudantes que as fotos dos recém-nascidos muitas vezes foram tiradas quando já estavam mortos<sup>11</sup>.

Menos impactante emotivamente, mas igualmente eficaz, pela precisão da informação, pode ser o confronto com as fontes demográficas. A simples leitura de um livro de registro paroquial de falecimentos, anterior ao século XX – e ainda mais se precedente ao século XIX – será bastante instrutiva. De fato, não se encontrará nos registros, uma listagem de "velhinhos" que morreram, mas, sobretudo, de pessoas jovens e muitas crianças. Ainda mais "eficaz" será o confronto entre registros de batismos (nascimentos) e de enterros (mortos) em um determinado período de tempo. Um número elevado (para nós, impressionante) de nomes constantes do primeiro registro, será encontrado, par a par no segundo, à distância de alguns anos, meses, dias (senão horas)<sup>12</sup>.

"A mãe semeia, a morte leva", dizia-se em Veneza<sup>13</sup>. "Quem tem um não tem nenhum"<sup>14</sup>, recitava um provérbio francês, que retrata o dado demográfico de uma mortalidade infantil ao redor de quase 50% entre 0 e 10 anos e nos recorda que, para ter um filho, os camponeses do século XVIII (na Itália também no século XIX), deviam colocar no mundo, dois. Os provérbios, como este último, além de ser sugestivos de comportamento demográfico (ou mesmo sexual-matrimonial), dizem, muito, de crianças mortas, assim como as fábulas, rituais e crenças.

<sup>11</sup> F. Loux, *Le corps dans la société traditionnelle*, Paris, Berger-Levrault, 1979, p.60-62

<sup>12</sup> Na pesquisa mais recente que pude ver sobre o assunto, a análise do *liber sepulorum* dos anos 1590-1610 de uma paróquia rural da região de Pádua, de um milhar de almas, apresenta uma mortalidade na faixa dos 10 anos, de 42% assim subdividida: 13% dos mortos com menos de um ano, 3% entre 1 e 2 anos, 14% entre 2 e 5, 12% entre 5 e 10. Outros 16% de mortos tem entre 10 e 20 anos. L. Golinelli, *I registri parrocchiali di Cantalupo Selice in età moderna. Libri dei battesimi e delle sepolture della parrocchia di Cantalupo a Imola tra XVI e XVII secolo*, tese de doutorado em História Social, Facoltà di Lettere e Filosofia, Corso di laurea in Storia, Università degli Studi di Bologna, rel. C. Pancino, 2008-2009, pp. 31-35. Deve-se adiantar que a mortalidade imediatamente após o nascimento é sub-valorizada nos registros paroquiais, não sendo anotadas as mortes de crianças que morreram antes do batismo (cfr., Del Panta-Rettaroli, *Introduzione alla demografia storica*, cit., p.63).

<sup>13</sup> "La mare semena, la morte tol su". Cit. In C. Pancino-D. Pillon, *La nascita nelle tradizioni popolari dell'Ottocento*, In *Nascere a Venezia: dalla Serenissima alla prima guerra mondiale*, Torino, Gruppo editoriale Forma, 1985, p.128

<sup>14</sup> F. Loux, *Le jeune enfant et son corps dans la médecine traditionnelle*, Paris, Flammarion, 1978, p.251-259.

Se testemunhos provenientes do mundo popular podem ser considerados como indícios de uma atitude de aceitação inevitável do destino, às vezes revelam mensagens de consolo para as mães e as famílias.

O conto dos irmãos Grimm, *La camicina del morto* (*A Roupinha do morto*) narra uma mãe, inconsolável com a morte do filho pequeno, até que o vê em sonho:

*(...) veio uma noite, vestido com sua roupinha de morto, com a pequena guirlanda fúnebre nos cabelos. Sentou-se aos pés do leito e suplicou à mãe – Mamãe, seu pranto não me deixa dormir no meu caixão. Não me deixa dormir porque minha roupinha está sempre molhada com suas lágrimas. Com essas palavras a mãe, incrédula, esmoreceu, mas chorou mais ainda. Na noite seguinte, o menino retornou, segurando uma pequena vela e de novo suplicou: – Veja, mamãe, minha roupinha logo estará enxuta e eu poderei dormir tranquilamente em minha cova. Desde então a mãe se voltou ao Senhor e suportou sua pena sem chorar. E o menino não apareceu mais e dormiu para sempre em sua pequena cova.*

No decorrer dos séculos, muitas crenças e práticas religiosas (orações, batismos e “ressurreições”) assumiram a função social de consolo: bastaria a análise de apenas uma pequena parte dessas práticas para avaliar a incongruência e as lacunas do debate historiográfico que, no final dos anos setenta do século XX, pôs em dúvida a existência do “amor materno” na população feminina do passado<sup>15</sup>. Certamente fazia parte, na sucessão de eventos cotidianos, a rápida alternância entre os nascimentos e mortes em uma família e em uma comunidade e as formas de dor e de luto e suas manifestações só podiam ser profundamente diversas das nossas. Como sempre, na história dos sentimentos, os historiadores enfrentam mil dificuldades de leitura: sobretudo nas áreas em que os testemunhos são escassos, o risco de interpretar segundo nossos parâmetros sentimentais é muito grande.

Os testemunhos de “indiferença” pelo escasso valor da “coisa” perdida foram ilustrados pelos historiadores. O caso mais notável é aquele dos diários dos mercadores florentinos do Renascimento, que anotavam simultaneamente o nascimento de um filho e a morte de um outro, jun-

<sup>15</sup> E. Badinter, *L'amour en plus. Histoire de l'amour maternel*, Paris, Flammarion, 1980.

to aos ganhos e despesas. Outro testemunho apontado nesta bibliografia refere-se a mães mais ou menos miseráveis, que não piscavam os olhos frente à morte de um filho no enésimo parto; teriam mais comida para dividir entre os outros filhos e facilmente em um ano poderiam “substituir” o lactente morto. É conhecido o testemunho de um pai célebre, Michel de Montaigne, que escrevia: “perdi dois ou três filhos, mas quando ainda estavam com as nutrizes, se não sem tristeza, mas sem desespero”<sup>16</sup>.

Em 1981, Jean-Louis Flandrin escreveu:

*Por fim, em uma sociedade na qual a morte reduzia pela metade as crianças, em menor número junto a alguns e muito mais junto a outros, a resignação era uma necessidade psicológica. Era expressa da mesma maneira tanto pelos médicos quanto pelos eclesiásticos, como pelos pais de família que tinham um diário: “Deus nos deu e Deus nos tirou”. Pode considerar-se essa idéia como eminentemente religiosa; mas não se pode esconder que favorecia um certo fatalismo, diante da procriação e diante da morte do filho, fatalismo que não é particularmente característico da religião cristã. É a impotência de lutar contra a morte e o desconhecimento dos mecanismos da reprodução que tingiam de fatalismo a religião daquele tempo.*<sup>17</sup>

Podemos também pensar que, segundo a mentalidade da época, pelo menos em alguns grupos sociais, a criança tenha demorado a ser considerada “pessoa”, antes de ter demonstrado capacidade de sobreviver.<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo, ao lado da manifestação de indiferença diante da morte de um recém-nascido, ou de uma criança, são encontrados numerosos testemunhos, desde a Antiguidade, que contam o quanto a morte de uma criança sempre foi, para muitos pais, a trágica morte de uma criança.

<sup>16</sup> Cit. in Flandrin, *L'atteggiamento nei confronti del bambino piccolo e i comportamenti sessuali*, cit. p.232.

<sup>17</sup> Flandrin, *L'atteggiamento nei confronti del bambino piccolo e i comportamenti sessuali*, cit. p.186. Mais adiante: “Ainda assim, os provérbios do período (...) sugerem que esta tranquilidade de espírito diante da morte dos lactentes era habitual: *di figlio piccolo, piccolo lutto* (...) (do filho pequeno, pouco luto) . Por outro lado, a morte dos lactentes era tão frequente que era preciso aceitá-la para conservar o próprio equilíbrio mental: para cada mil nascidos vivos, duzentos ou trezentos morriam antes de um ano, na França setentrional, e somente a metade dos filhos chegava aos vinte anos. Até o século XX, os provérbios conservaram a recordação desta hecatombe: *Quem vê uma criança, vê o nada...*” (Ibidem, p.232-233).

<sup>18</sup> A respeito do conceito de pessoa, relativamente à formação do ser humano, cfr., A. Prosperi, *Dare l'anima. Storia di un infanticidio*, Torino, Einaudi, 2005, in part. le p.285-299.

Lembramos, a título de exemplo, passagens poéticas famosas, como o epigrama de Marziale<sup>19</sup> para a pequena Erotion<sup>20</sup>; como fontes materiais, citamos primeiramente os ex-votos, sem esquecer outros tipos de “documentos”. Escavações arqueológicas recentes em Riva del Garda (região do Trentino-Alto Adige) trouxeram à luz uma área de cemitério dedicada exclusivamente a crianças. Trata-se de sepulcros infantis da alta Idade Média, descobertos em um mesmo espaço do cemitério que remontam aos séculos VII e VIII e que provavelmente foram erigidos ao redor de uma antiga igreja. Das 14 tumbas recuperadas em recentes escavações, verificou-se que 12 eram de crianças, evidentemente sepultadas em uma parte do cemitério a elas reservada<sup>21</sup>. Essas descobertas, hoje expostas no museu de Riva Del Garda, falam de rituais, luto, atenção à morte de crianças em uma época muito distante. Sabe-se como era comum a presença de “cemitérios de crianças” dentro dos cemitérios cristãos, sobretudo nos italianos.

A literatura contemporânea não se esqueceu daquele tempo não tão longínquo em que, nascimento e morte, infância e morte, eram territórios muito próximos e as pessoas pequenas e grandes moviam-se como peças de um jogo repleto de “desafios impotentes”.

*Elisif trouxe ao mundo uma pequena nascida morta, violácea e com a cabeça virada para trás. Assim que se espalhou a notícia,*

<sup>19</sup> Nota da revisora. Marco Valerio Marziale nasceu na Espanha, região da atual Catalunha, então sob o domínio romano, por volta do ano 40 d.C. Em Terrara recebeu a formação inicial em gramática e retórica. Mudou-se para Roma em 64, onde se tornou escritor.

<sup>20</sup> “Oh pai Frontone, oh mãe Flaccilla, recomendo a vós esta menina, minha boquinha e minha delícia, para que a pequena Erotion não trema de terror diante das sombras negras das monstruosas gargantas dos cães do inferno. Teria completado apenas o seu sexto inverno, se vivesse pelo menos outros seis dias. Em companhia de protetores assim velhos, brinque descuidada e pronuncie meu nome com sua boca balbuciante. Não cubra seus ossos delicados um torrão duro, e não seja pesada ó terra: ela de fato não o foi para você” (V, 34). “A menina cuja voz era para mim mais doce que o canto de um velho cisne, que era mais terna que uma cordeira do Galeso falantino, e mais delicada que uma conchinha do pântano Lucrino, à qual não terias preferido as pérolas eritréias, nem a presa do javali, a fera indiana, agora amansada, nem a neve recém-caída, nem ao lírio imaculado que com a sua cabeleira dominava o pêlo das ovelhas béticas, os cabelos emaranhados dos Germanos e o esplendor do ouro, que da boquinha emanava o perfume dos roseirais de Pesto e do primeiro mel dos favos áticos e dos pedacinhos de âmbar arrancados das mãos, em cujo confronto era feio o pavão, sem graça o esquilo e o pássaro comum, a fênix, Erotion, está ainda morna sobre a pira intacta, que a dura lei do mais cruel destino me tirou no sexto ano, ainda não completo, meu amor, minha alegria e minha distração(…)” (V 37). Marco Valerio Marziale, *Epigrammi*, sob curadoria de Giuseppe Norcio, Torino, UTET, 1980, p.356-359.

<sup>21</sup> Museo Riva del Garda, *Vita brevis. Un sepolcreto infantile altomedievale dai recenti scavi a Riva del Garda*, s. i. t.

*todos entraram em sua casa em silêncio. Porque, pentecostal ou não, Elisif era uma deles e haviam lhe desejado o melhor depois daquela longa batalha. Assumiram os cuidados dos sete que ainda estavam vivos (...). Na manhã em que Toprstein transpôs a soleira trazendo a pequena caixa de madeira que servia de caixão, todas as mulheres e as crianças que podiam, o seguiram em cortejo. Todos estavam calados. Nem um salmo foi entoado antes que o pastor comesse. Em pé, ao lado de um monte de terra gelada, tendo nos pés sapatos pretos muito leves, cantou a primeira estrofe completamente só. Depois, foi como se as mulheres se sacudissem repentinamente, entoando uma nênia submissa, que soava mais como um desafio impotente contra uma força superior, maior que elas<sup>22</sup>.*

Como o nascimento, a morte requisita a presença de figuras femininas. E, como na pintura de Luigi Nono, as crianças também acompanhavam os funerais de crianças.

Uma aceitação do destino, desconhecida para nós, uma relação mais tranqüila e familiar entre o mundo dos vivos e o dos mortos, fazia com que as crianças mortas permanecessem na rede dos afetos familiares. Voltando ao universo mental católico, um testemunho literário significativo vem da personagem Nunzia que na obra, *Isola di Arturo (A Ilha de Arturo)*, de Elsa Morante, preocupa-se em como reconhecer e encontrar no além os seus numerosos "irmãos e irmãs que morreram, uns ao nascer e outros quando usavam faixa".

*Mas infelizmente a vontade de Deus havia sido que a maioria daqueles numerosos nascidos, antes mesmo de terem aprendido a andar na terra, voassem para o céu... Por sorte nenhum deles partiu sem o Santo Batismo e, aliás, ela pôs-se a dizer-me de cada um o nome de batismo, um a um. Havia um Gennaro, dois Peppinos, um Salvatore, uma Aurora, um Ciccillo e uma Cristianella. Enfim o rosto era vagamente incerto.*

*Se eu penso nisso – disse ela – nesses irmãos, tenho dúvidas de não saber reconhecê-los um dia: lembro-me deles como se fossem todos iguais, com a mesma cara!... Mas se sabe que lá no Paraíso a gente se reconhece sem ao menos dizer o nome, o parentesco estará escrito na testa.<sup>23</sup>*

<sup>22</sup> Herbjørg Wassmo, *La veranda cieca*, Iperborea 1989 (ed. or. 1981), p.108-109

<sup>23</sup> Elsa Morante, *L'isola di Arturo*, Torino, Einaudi, 1957, p.109.



Mesmo fora do mundo católico, a familiaridade com os mortos ainda crianças não devia ser diferente, visto que minha avó, quando eu a acompanhava ao cemitério israelita para honrar os túmulos dos parentes mortos, ia também visitar o dos irmãozinhos. Lembro-me de Leone, um estranho tio-avô, de três anos...

Voltando à católica Nunzia, dizia ela a propósito dos irmãozinhos “felizmente nenhum deles havia partido sem o Santo Batismo”.

Naquele contexto de perigo iminente de que, sobretudo as crianças recém-nascidas não sobrevivessem, insere-se a grande preocupação do mundo católico, de que as crianças recebessem o sacramento do Batismo e salvassem ao menos a alma. No mundo menos piedoso dos protestantes, previa-se que determinadas orações dos pais podiam garantir a salvação da alma das crianças mortas sem o batismo: o severo mundo católico não oferecia tais possibilidades<sup>24</sup>.

Nos últimos anos alguns estudos importantes foram dedicados à história do batismo, situando o tema entre o debate teológico, comportamentos sociais, tradições populares e preocupações familiares<sup>25</sup>. Sem remontar muito no tempo, a crença no Limbo acompanhou a fé no além da população católica, nas diferentes regiões e camadas sociais. (Figura 4) Quanto às crianças mortas sem batismo, estas se tornariam almas errantes, confinadas naquele lugar penoso – não se sabia se caracterizado ou não pelo sofrimento físico – final e recentemente “abolido” por decreto papal<sup>26</sup>.

O aspecto “consolador” do sacramento do batismo das crianças constituiu o motivo de muitas “variações” locais da ritualidade a isso relacionada. A importância da cerimônia e do ritual do batismo, a nível social, varia segundo os locais e ao longo das mudanças históricas e sociais, mas nos séculos do passado está, sem dúvida, relacionada ao flagelo da elevadíssima mortalidade infantil. Como não havia certeza da sobrevivência física do recém-nascido, assegurar-lhe a vida eterna via sacramento era, mais do que um dever religioso, uma tranqüilida-

<sup>24</sup> B. Duden, J. Schlumbohm, P. Veit ed., *Geschichte des Ungeborenen. Zur Erfahrungs- und Wissenschaftsgeschichte der Schwangerschaft, XVII-XX Jahrhundert*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

<sup>25</sup> Refiro-me em particular a Prospero, *Dare l'anima*, cit., In part. le p.150-217, e a Gélis, *Les enfants des limbes*, cit.

<sup>26</sup> Só recentemente o papa Bento XVI aprovou um documento da Commissione. teologica internazionale que considera o limbo uma pura hipótese teológica (20 de abril de 2007).



Figura 4: Limbo dei bambini, affresco, chiesa di San Bernardino a Triora (Imperia, Italia).

de para as famílias e para a comunidade e podia tornar-se um grande consolo para o desafortunado caso de a criança morrer – o que não era improvável.

A eventualidade do perigo de morte do recém-nascido e a possibilidade, popularmente conhecida, de que os leigos pudessem batizar, levou à prática do batismo “*sub condicione*”, não raro na sociedade do passado, sobretudo no caso de real ou presumido “perigo de morte”. Nesses casos, se a criança sobrevivesse, o batismo seria repetido posteriormente pelo sacerdote com cerimônia na igreja em um ritual que levava em consideração a possibilidade de uma criança já ter sido batizada.

Portanto, as crianças eram batizadas o mais rápido possível, sendo ministrados batismos por leigos sempre que se deduzia que o recém-nascido estava com a vida em perigo. Tal fato teve como consequência, por séculos, comentários feitos por historiadores dessa área de estudo sobre o controle das mulheres que assistiam as parturientes. Sendo comum que as parteiras fossem as pessoas que reconheciam as condições (real ou presumida) do recém-nascido e não havendo vínculos de consangüinidade, cabia-lhes batizar também “*sub condicione*”.

As hierarquias eclesiásticas começaram, por esse motivo (de modo capilar na Europa católica desde o início do século XVII), a determinar uma catequese sobre o sacramento para analfabetas, ligada a um controle, não só moral sobre as mulheres que assistiam o parto<sup>27</sup>. Por outro lado, a própria preocupação de garantir o Paraíso quando não se conseguia assegurar a vida nesta terra, fazia com que as crianças fossem levadas à pia batismal nos primeiros dois ou três dias de vida. Tal hábito encontra-se difundido em todos os locais e tenderá a desaparecer somente – e não por acaso – no século XX. É necessário recordar que as paróquias com pia batismal, as chamadas “*pieves*” quando no interior, situavam-se frequentemente distante dos pequenos centros habitados. Exatamente porque atendiam a vastas áreas rurais com baixa densidade populacional. Era o medo de a criança morrer antes do batismo e a crença nas almas errantes das crianças que apressavam o ritual (e em caso de morte do recém-nascido a parteira que havia assistido o parto, podia ser detida e julgada de ter deixado morrer uma criança sem batismo).

---

<sup>27</sup> C. Pancino, *Il bambino e l'acqua sporca. Storia dell'assistenza al parto dalle mammane alle ostetriche (secoli XVI-XIX)*, Milano, Angeli, 1984.

Quando, na segunda metade do século XVIII, a sensibilidade dos Iluministas contagiou também os notáveis e doutos da província italiana, percebeu-se que a prática destinada a salvar a todo custo a alma do recém-nascido, não raramente colocava a vida da criança em perigo: um médico veronês nos anos setenta do século XVIII indicava, entre as causas das “numerosas mortes de crianças”, aquilo que se havia tornado um costume desvairado, tendo ele “visto na prática morrerem muitas crianças nascidas na estação fria e que eram levadas à Fonte Sagrada”<sup>28</sup>. Cem anos mais tarde um outro médico, Cesare Musatti, voltava ao assunto em um panfleto sobre<sup>29</sup> a perigosa saída precoce dos recém-nascidos:

*Eu não direi para não batizades os vossos filhos; mas somente quero que para batizá-los, não os façais morrer e é procurar sua morte levá-los à igreja no inverno, enquanto tem poucos dias de vida, mesmo sendo sãos, mesmo sendo robustos.*<sup>30</sup>

Um objeto que se encontra no Museu de arte e de tradições populares de Tolmezzo (Friuli Venezia-Giulia) e que é apresentado “como liteira” de crianças para serem levadas à pia batismal, é uma fonte ambígua da história do batismo<sup>31</sup> ou da mortalidade infantil. É de pensar que os recém-nascidos fossem transportados em braços quentes para salvar a alma e que aquela liteira de madeira decorada fosse a macabra testemunha de um veículo para a última viagem ao campo santo de quem não conseguira sobreviver.

Em muitas tradições, as almas vagantes dos pequenos mortos sem o batismo permaneciam como presenças inquietas e travessas e eram pequenos espíritos, fogos fátuos, duendes dos bosques ou das margens dos riachos.

Na verdade, nos preceitos católicos, somente o batismo podia dar a paz aos pequenos mortos. Um ritual de ressurreição, o *répit*<sup>32</sup>, permitia que se retirasse o recém-nascido do outro mundo pelo tempo necessá-

<sup>28</sup> G. V. Zeviani, *Su le numerose morti dei bambini. Dissertazione accademica*, Verona, stamperia Moroni, 1775, p.50.

<sup>29</sup> C. Musatti, *Occhio ai bambini*, Milano, Fratelli Treves, 1876. Cesare Musatti (1845-1930), avô e homônimo do famoso psicanalista foi médico em Veneza, empenhado na difusão da “consciência higiênica” no país, no exercício “moderno” da profissão, na promoção de institutos e de novas formas de assistência sanitária, no estudo e na difusão da nova consciência sanitária. Foi autor de numerosos artigos e sábio conferencista junto ao Ateneo vêneta.

<sup>30</sup> Nessa época a Itália unificada acrescentava o Município, para o registro anagráfico.

<sup>31</sup> Museu Carnico Gortani, <http://www.museocarnico.it/sito/>. Agradeço a Umberto Mazzone pela referência.

<sup>32</sup> *Répit*: respiro, respiração.

rio para o batismo ser realizado. Os santuários para o *répit* eram muito difundidos e na maioria das vezes a memória se perdeu completamente junto às populações dessas regiões nos dias de hoje. Essa prática, assim como os santuários, amplamente estudados na França, estavam presentes também na região alpina do Vale d’ Aosta ao Trentino<sup>33</sup>. “Em sua visita pastoral a Issogne, monsenhor Ferragatta proibiu o batismo de crianças *avortons ne donnant aucun signe de vie* (fetos que não dão qualquer sinal de vida). Assim também em Valpelline, o monsenhor de Palme em 1820 proibe *d’apporter les enfants morts a l’ autel de Saint François Xavier pour obtenir un miracle par lequel on ait quelque signe de vie en eux*” (levar as crianças ao altar de São Francisco Xavier para obter um milagre pelo qual se perceba algum sinal de vida). Abuso similar existia também em Challant-Saint Anselme, em Valtournanche e em Courmayeur<sup>34</sup>.

A pequena igreja de Santo André em Terlago, perto de Trento, como revelado por Adriano Prosperi, foi no século XVIII, meta de tristes peregrinações e local de especial devoção. Ali, a Madona de Terlago, por meio de “práticas” de algumas mulheres, ressuscitava os pequenos mortos que, colocados “no chão em frente ao altazinho”, voltavam à vida por alguns instantes e assim eram batizados. “Muitos são trazidos”, disse uma testemunha que lá chegou a pé, vindo da região de Vicenza, com o filhinho morto, em 1642.

E no Trentino, já há muitos anos, Cláudio Donati, entre outros historiadores, foi o primeiro a falar dos “santuários de *répit*”<sup>35</sup>. O “milagre” da ressurreição temporária podia acontecer também seguindo as instruções “caseiras” do padre Diodato da Cuneo, que em 1760 convidava as parteiras a tentar reanimar os recém-nascidos mortos para poder batizá-los:

*E finalmente se lhe for assoprado um hálito quente na boca e com o cheiro de alho da boca da parteira, logo se verá uma mudança de cor; em seguida virá o calor com a pulsação sensível, a respiração e possivelmente terá vida ou pelo menos alguns sinais de vida*<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> Falam sobre o assunto numerosos documentos citados por: C. Corrain-P. L. Zampini, *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi diocesani italiani*, Bologna, Forni, 1970.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.376.

<sup>35</sup> C. Donati, *Ecclesiastici e laici nel Trentino del settecento (1748-1763)*, Roma, Istituto storico italiano per l’età moderna e contemporanea, 1975, p. 97.

<sup>36</sup> Diodato da Cuneo, *Notizie fisico-storico-morali conducenti alla salvezza de’ bambini non nati, abortivi e proietti*, Venezia Niccoló Pezzana, 1760, p.211.



A fé na ressurreição temporária oferecia a possibilidade de superar a angústia e o sentimento de culpa da família atingida pela morte de um recém-nascido; tratava-se de uma reação psicológica e social “no que diz respeito à doutrina teológica abstrata e cruel, da qual derivavam somente condenações sem apelo”<sup>37</sup>. Com o

*“milagre do répit a criança, já morta, podia enfim ser batizada: graças ao répit, o batismo, que permite a sepultura em terra santa ‘com os outros’, concede uma realidade à criança. Introduce a criança, ou melhor, a reintroduz na genealogia familiar, após uma breve passagem pelo mundo dos mortos (...) um ser humano que retoma seu lugar, reencontra seu papel na longa história da família.”*<sup>38</sup>

De fato,

*“aquele ser fragilíssimo era, para o cristianismo, habitado por uma alma imortal. E aquela alma se o corpo não sobrevivesse, era capturada pela sorte incerta, de uma potencialidade ainda não resolvida, ficando confinada entre o mundo dos vivos e o dos mortos, em uma condição liminar de pequeno espírito malvado e travesso”*<sup>39</sup>.

A situação pouco tranqüila do limbo justifica plenamente a pressa em levar os recém-nascidos à fonte sagrada mesmo em condições climáticas desfavoráveis.

Com a difusão da fotografia, os túmulos das crianças mortas têm com frequência, na lápide, imagens dos pequenos mortos e, muitas vezes, como já foi dito, trata-se exatamente de imagens macabras de crianças já mortas. Choca saber que também os camponeses pobres se obrigassem a despesas com o fotógrafo, quando a fotografia se presta a tornar-se testemunho de uma vida brevíssima, mas mesmo assim inserida no sulco da descendência familiar.

Antes do advento da fotografia, a pintura podia oferecer o conforto de uma efígie. Isso ocorria na corte, como é o caso do afresco da Rocca

<sup>37</sup> S. Cavazza, *La doppia morte: resurrezione e battesimo in un rito del Seicento*, in “Quaderni Storici” 50, XVII, 2, 1982, p.566.

<sup>38</sup> Gélis, *Les enfants des Limbes*, cit., p.133-134 (tradução da autora).

<sup>39</sup> A. Prosperi, *Scienza e immaginazione teologica nel Seicento: il battesimo e le origini dell'individuo*, in “Quaderni Storici”, 100, 1999, p.176.



Figura 5: Parmigianino, Bimbi abbracciati, Rocca San Vitale, Fontanellato (Parma, Italia)

Sanvitale de Fontenellato, onde o Parmigianino (1503-1540) imortaliza, no detalhe do *Bimbi abbracciati* (Crianças Abraçadas), o filho morto apenas nascido, de Paola e Giangaleazzo Sanvitale. (Figura 5) Das duas crianças abraçadas reconhece-se o Sanvitale porque tem nas mãos um ramo de oliveira e no pescoço um colar de granadas como era típico nas representações pictóricas de recém-nascidos mortos<sup>40</sup>.

A pintura flamenga também retrata crianças mortas de famílias burguesas e até mesmo as de trabalhadores. Pouco mais de um século depois do afresco italiano *Bimbi Abbracciati*, serão pintadas duas telas entre 1645 e 1650: *A child of the Honigh family on its deathbed* (Criança da Família Honigh no leito de morte)<sup>41</sup> e *Boy on his deathbed* (Menino no leito de morte)<sup>42</sup>. (Figuras 6 e 7)

<sup>40</sup> Francesco Mazzola chamado Parmigianino (1503-1540), *Bimbi abbracciati*, saleta de Diana e Atteone, parede Sul (part.). Agradeço a Anna Parma pela referência.

<sup>41</sup> Anônimo, c. 1650, Mauritshuis, l'Aia.

<sup>42</sup> Bartholomeus van der Helst, 1645, Museugoud A, Gouda



Figura 6: Anônimo, *A child of the Honigh family on its deathbed*, c. 1650, Mauritshuis, The Hague

Nota-se a diferença de situação econômica entre as famílias dos pequenos mortos retratados: em um as vestes e o lençolzinho são de tecido fino, ornados de rendas; no outro, vê-se somente o branco brilhante das vestes e lençóis. Ambas as crianças repousam em leitos de palha.

Enquanto o pequeno Sanvitale foi pintado como se estivesse vivo, os dois pequenos holandeses são retratados em seu leito, com os olhos fechados, na palidez da morte: “uma coisa é certa, os pais dessas crianças mortas desejavam conservar a memória do filho para a eternidade”<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> *In the Mauritshuis, Children*, [catálogo], Royal Picture Gallery Mauritshuis, The Hague, s.i.d., [2008], p.60. A propósito da pintura *A child of the Honigh family on its deathbed*, a lista do catálogo afirma: “Este tipo de retrato confirma que a perda de uma criança era também lamentada no século XVII. Embora a taxa de mortalidade infantil fosse alarmantemente alta e muitas crianças não vivessem além de seu primeiro ano de vida, a perda de um recém-nascido deve ter sido, apesar de tudo, um evento emocional. A fé conferia às pessoas um grande conforto e força em face de sua desgraça; uma criança morta ia naturalmente para o céu, afastada de uma vida de pecados na terra. Numerosos documentos revelam



Figura 7: Bartholomeus van der Helst, Boy on his deathbed ,1645, Gouda Museum, Gouda

Reaparece a dúvida, insoluta, sobre qual a fronteira, social e individual, entre a dor e a indiferença, tratando-se aqui de elaborados testemunhos de luto. As variáveis individuais, familiares, de condição social e de patrimônio ou simplesmente de possibilidades econômicas – mais do que pobreza e miséria – com aquela lenta transformação da mentalidade que pouco a pouco tornará menos inevitável a morte de uma criança, só podiam combinar-se de forma diferente, segundo o contexto e conforme o caso.

Assim escreviam, em 1978, os autores de *Entrer dans la vie, naissances et enfances dans la France traditionnelle* (*Entrar na Vida: nascimento*

---

ainada a profunda experiência trágica dos pais em lidar – no tempo e de novo – com a perda de uma criança querida. Somente pais com dinheiro tinham condições de encomendar o retrato pintado dos filhos mortos. Muita gente podia somente preservar a imagem de sua criança perdida em suas memórias” (ibidem). Sobre o assunto, Gélis afirma: “Contrariamente a uma idéia difundida nos dias de hoje, os pais guardam a lembrança desses inocentes, porque todos seus filhos fazem parte para sempre da família; compatibilidade deste mundo e compatibilidade do outro se somam no parentesco, mortos e vivos reunidos em uma humanidade tocante” (Gélis, *Les enfants des limbes*, cit., p.19-20).

e infância na França Tradicional) a propósito dos testemunhos recolhidos pelos franceses no século XVI:

*Quando uma criança morre em família (à diferença das crianças mortas em asilos dos expostos), tem-se mais testemunhos sobre a dor dos pais; os do século XVI são geralmente muito breves, mas isso não indica indiferença: as pessoas do século XVI não confiam seus sentimentos por escrito e o seu modo de expressar dor é diferente do nosso; a morte da criança é colocada no grande ciclo familiar entre nascimentos, matrimônios e colheitas<sup>44</sup>.*

Documentos eclesiásticos da Idade Moderna, escritos em um contexto de difusão de conhecimento e cristianização – se não de repressão – de práticas pré-cristãs ou mágicas nas dioceses italianas, trazem à luz traços de costumes fúnebres para os mortos ainda crianças, depois esquecidos. O costume de coroar as crianças mortas com guirlandas é encontrado em diversas regiões, sendo tolerado em uma diocese da península e proibido em outra. Na Sardenha “é lícito espalhar flores e folhas sobre o corpo das crianças mortas”<sup>45</sup>. Além das flores, muitas vezes trançadas em “coroas” costumava-se colocar no pequeno caixão cordões com nós (cujo valor apotropaico nas crenças mágico-religiosas é conhecido)<sup>46</sup>.

Um sínodo realizado em Ferrara no início do século XV fala sobre o assunto, mas não proíbe o costume. Ainda hoje, em ocasiões de mortes infantis encontram-se documentados bailes fúnebres: não eram raros os reencontros de convivas em ocasiões fúnebres; o baile fúnebre parece reservado para a morte de crianças, conforme testemunha um documento proveniente da diocese de Rimini, datado de 1742:

*Além disso, atente-se para que, em volta dos cadáveres de crianças, não se celebrem vigílias ulteriores que, nesta cidade e*

<sup>44</sup> J. Gélis, M. Laget, M. F. Morel, *Entrer dans la vie. Naissances et enfances dans la France traditionnelle*, Paris, Gallimard, 1978, p.193. O texto continua com a citação: “10 outubro 1539 (...) na colheita daquele ano estava em retiro com minha família em Sellières para fazer a colheita, e a minha filha (de quatro meses e meio) entregou a alma a Deus, perto de meia noite. Havia tido febre, assim acontecera com o meu segundo filho Jean, referido primeiramente. E daquela colheita se fez tanto vinho que...” (*Livre de raison de la famille Froissard-Broissia*), tradução da autora.

<sup>45</sup> Trata-se dos sínodos de Ferrara (1637 e 1736), Cremona (1679), Bosa (1665) (Corrain– Zampini, *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi*, cit., p.54, 65, 312).

<sup>46</sup> Nota da revisora. O apotropaico, do grego apotrópaios, que afasta os males + ismo é todo o conjunto de rituais, símbolos, deuses, mitos que afastam a desgraça, a doença, ou qualquer outro tipo de malefícios.



*arredores, foram difundidas segundo um mau hábito com a introdução de vela e cantos, ou patuscadas, ou ainda com outras formas de celebração absolutamente estranhas à honestidade e piedade cristãs.*<sup>47</sup>

E não se deve crer que se tratasse de alegria verdadeira – dão a entender Cleto Corrain e Pier Luigi Zampini, aos quais se deve a descoberta dos documentos – sugerida pelo pretexto do nascimento de um anjinho. As analogias etnográficas fazem pensar em intenção de exorcismo; com uma alegria ostensiva (da qual se queria que o interessado participasse) pretende-se aplacar-lhe a alma revoltada pela privação de certos bens importantes da vida<sup>48</sup>.

Também em outros lugares, em tempos mais recentes, como nas tradições de algumas regiões da França, os funerais de crianças apresentam rituais especiais “que testemunham uma ternura particular”. Enterrados em áreas especiais do cemitério, o rosto coberto ou circundado por flores e com o caixãozinho aberto até o último momento, os pequenos mortos eram espargidos por flores durante o cortejo: “se a morte está sempre presente ao redor de uma criança, se é familiar”, citando a expressão de Ariès, isso não significa que seja vivida com indiferença. Ao contrário, um ritual particular deixa à dor a possibilidade de manifestar-se<sup>49</sup>. Assim pelo menos deve ter sido para muitos pais.

É conhecido o drama daquele famoso pai cujo filho morto e depois enterrado na “terra nua” estendera a mão a uma “romã verde”: enterrados no esquecimento, os filhos de pais tanto ou mais famosos (e muitos desconhecidos) que, em grande número, viram morrer não um mas um depois do outro os próprios filhos. Investigando as páginas de autobiografias e biografias, o quadro é desconcertante. Para citar apenas um exemplo: o célebre sábio do século XVI, Ulisse Aldrovandi, não teve filhos com a primeira e jovem mulher, que morreu antes de havê-los gerado. A segunda esposa, Francesca, deu à luz primeiro a um menino, que morreu aos dois meses de idade, e depois uma menina, que viveu seis meses. Aldrovandi teve um filho de outra mulher, do qual muito se orgulhava, e que se tornaria um rapaz “bom conhecedor das letras

<sup>47</sup> *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi*, p.312

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.56.

<sup>49</sup> Loux, *Le jeune enfant et son corps*, cit., p.258. Sobre o assunto ver p.256-259.

humanas e de princípios das letras gregas”, que, no entanto morreu aos dezoito anos<sup>50</sup>.

O célebre Rembrandt (Leida 1606– Amsterdam 1669), oitavo filho de um moleiro e de uma padeira, aos 28 anos, no auge da fama, casou-se com a prima de um rico comerciante de arte. Entre 1636 e 1643, morreram seus três filhos e a esposa, esta não muito tempo depois do nascimento do último filho, Titus, que será durante vinte anos seu único filho, mas em 1663 Titus morreu, no mesmo ano em que morreu a segunda companheira do pintor<sup>51</sup>.

Seria possível olhar os fatos seja do ponto de vista da jovem esposa que, em oito anos, dá à luz quatro filhos, dos quais três morrem antes de completar dez anos e poucos meses após o parto do último filho, morre também. Ou sob o ponto de vista do pai, Rembrandt, que além de sepultar em poucos anos a esposa e três filhos pequenos, dos quatro filhos vê sobreviver apenas um que, embora tenha alcançado a idade adulta, não sobrevive ao pai e morre aos vinte anos.

Outros pais perderam mais de quatro filhos. Se do luto dos pais frequentemente restaram alguns documentos, das mães restam outros tipos de fontes, como já se viu:

*Uma mãe estava sentada ao lado do filho, estava muito triste e temia que morresse. Estava tão pálido, com os olhinhos fechados, respirava com dificuldade e de vez em quando dava um suspiro, arquejante, quase um gemido; a mãe o olhava então com o coração ainda mais dolorido. Bateram à porta e entrou um pobre velho envolto em um grande cobertor. O velho tremia de frio (...), a mãe, foi colocar cerveja no fogão, para que, aquecida, pudesse aquecer o velho, enquanto ele embalava o menino. Depois, sentou-se a seu lado, olhou o menino doente que respirava cansado e levantou-lhe uma das mãozinhas. “Acha que vou perdê-lo” perguntou. “O Senhor não quererá tirá-lo de mim”.*

*O velho, que era a morte em pessoa, fez um aceno muito estranho que poderia significar sim ou não. A mãe baixou o olhar e*

<sup>50</sup> *La vita d’Ulisse Aldrovandi cominciando dalla sua natività sin’ a l’età di 64 anni vivendo ancora*, R. Simili (a cura de), *Il teatro della natura di Ulisse Aldrovandi*, Bologna, Compositori, 2004, p.129-143

<sup>51</sup> J. Van Loon, *Vita di Rembrandt van Rijn*, Maser, Amadeus, 1990; R. Rini, <http://cronologia.leonardo.it/storia/biografie/rembran.htm>

*as lágrimas escorreram pelo seu rosto; a cabeça pesou-lhe; durante três dias e três noites não havia fechado os olhos, e então adormeceu, mas por poucos instantes; depois se sobressaltou com um arrepio de frio. “O que aconteceu?” exclamou olhando para todos os lados. O velho tinha ido embora e o menino também havia desaparecido; o velho o havia levado consigo. De um canto chegava o tique-taque do relógio, e depois o grande pêndulo rolou pelo chão, bum! E o relógio também parou.*

*A pobre mãe precipitou-se para fora da casa chamando por seu filho.*

*Lá fora, na neve, estava uma senhora com um longo vestido negro que lhe disse. “A morte esteve em sua casa, eu a vi saindo às pressas com seu menino; vai mais rápida que o vento e nunca traz de volta o que pegou.”<sup>52</sup>*

A “moral” da tristíssima fábula de Andersen convidava a aceitar a vontade de Deus, com fé e resignação, sugerindo mesmo que o destino do menino poderia ser pior do que morrer, sendo a alternativa ter uma vida de “dor e miséria, horror e infelicidade”.

Duas coisas mudaram profundamente desde o tempo e a fábula de Andersen: a primeira, antes de mais nada, as taxas de mortalidade infantil e, em segundo lugar, a aceitação da morte que atinge crianças.

O flagelo inimaginável da mortalidade infantil do passado passa pela pintura, literatura e por amplos setores da história, onde, porém as mortes de crianças são muitas vezes intencionalmente omitidas. A história da feitiçaria e da caça às bruxas nutriram-se de material folclórico acumulado em torno das que seriam hoje inaceitáveis perdas de filhos pequenos. Relendo qualquer interrogatório de mulheres acusadas de feitiçaria – disponível como objeto de estudos históricos – as acusações de assassinato de recém-nascidos ou de crianças pequenas podem ser vistas sob esta ótica como exemplos, além de serem muito numerosas. Dentre as várias acusações feitas a Gostanza da Libbiano, em 1591: segundo uma “testemunha” teria feito morrer “um belo menino com cerca de dez meses, gordo e cheio de frescor. A mulher, de fato o teria “estragado” e “enfeitado”. Em sua confissão (antes da retratação), Gostanza “disse

<sup>52</sup>. H. Ch. Andersen, *Storia di una madre*, in Id., *Racconti e fiabe*, a cura de Ervino Pocar, Torino, UTET, 1945 (1935), p.136-142.

que havia feito um feitiço para uma menina de um ano, filha da senhora Lisabetta (...) e assim tal menina morreu em menos de um mês”; confessou igualmente também ter feito um feitiço a uma menina de uma viúva chamada Piera (...) que morreu em menos de um mês”. Em uma outra confissão, emerge um “episódio” no qual, devido a algum imprevisto, a morte não ocorreu. À pergunta do inquisidor que indaga como o mal não chegou a um “bom final”, ela respondeu:

*(...) que o diabo (...) me faz entrar nos quartos e nas casas, mesmo se trancadas, pelas entradas de ventilação, pelas fendas das janelas e pelas portas, por onde quer, e assim o fez na noite acima citada, em que entrou em forma de gata para fazer o feitiço a tal menina (...) entrou como uma gata no quarto para enfeitiçar a tal menina (...) porque o inimigo quer esse sangue.*

*Interrogada sobre o modo como tira o sangue dessas crianças, disse que suga o umbigo e assim vem o sangue como o vinho de um barril (...). Interrogada se morreram todas as crianças às quais ela havia sugado o sangue, disse que aquelas das quais não se suga de forma correta e se não se suga muito, não morrem, mas aquelas das quais se tira muito, morrem e não há remédio algum*<sup>53</sup>.

A “bruxa” conta outros episódios de crianças mortas porque lhes haviam sugado o sangue e no interrogatório aparece o testemunho de um outro tipo de morte, a das crianças cujas gargantas as bruxas apertavam:

*Cammillo tinha um filhinho que poderia ter dez meses (...) e aquele menino tinha dor de garganta. E eu, que tinha ido vê-lo, encontrei-o ao leito e lá estava uma grande multidão de gente que o olhava e a mãe chorava e me encostei no leito e coloquei a mão em sua garganta aberta, comprimi e apertei um pouco e à noite ele morreu...*<sup>54</sup>

<sup>53</sup> M. Lombardi et al., *Gostanza la strega di San Miniato. Processo a una guaritrice nella Toscana medicea*, a cura de Franco Cardini com um pós-fácio de Adriano Prosperi, Roma-Bari, Laterza, 1989, p.138 (cfr também p.186-188).

<sup>54</sup> *Ibidem*.

Pouco depois Gostanza alude ao fato de, no entanto, outras crianças “terem morrido de dor de garganta naquele ano”<sup>55</sup>. Não é difícil, para um observador contemporâneo, verificar que, por trás daquelas mortes a que as pessoas “assistiam” e que as mães pranteavam (mortes das quais eram acusadas as pobres curandeiras), estava o terrível crupe, a difteria faríngea.

Não apenas nos séculos XVI e XVII<sup>56</sup>, anos de processos inquisitoriais, pensava-se que as bruxas enfeitiçassem os pequenos. Ao contrário, até em tempos muito recentes, pensava-se que as bruxas pudessem ameaçar a vida das crianças. Como, por exemplo, em Veneza, até o século passado, uma criança “amuada” era uma criança “com a smara”. Um século antes sabia-se que a Smara, com o “S” maiúsculo, era uma bruxa que se dedicava a enfeitiçar os recém-nascidos. Nas tradições venetas a respeito do parto, existe a preocupação de não abrir as janelas e de fechar bem as correntes de ar no quarto da puérpera, para que as bruxas não entrem para roubar a vida do recém-nascido. Atenções similares são muito difundidas, com variações locais, desde a Úmbria de Zeno Zanetti <sup>57</sup> à Córsega onde “existem bruxas que entram nas casas pelo buraco da fechadura e sugam o sangue das crianças (como algumas almas dos mortos), de onde o uso apotropaico dos amuletos, dos talismãs”<sup>58</sup>.

É de espantar que as crianças fossem consideradas presas fáceis de bruxas, espíritos maléficos e que, portanto fossem metodicamente protegidas por amuletos, talismãs, pedras preciosas, medalhas de coral?

Os amuletos podiam também fornecer indícios, como no caso do coral: se, no pescoço da criança, ele perdesse a cor, era sinal de que a criança estava adoecendo.

As tradições populares recolhidas no século XIX falam de sinais premonitórios de morte, muitas vezes de causas pressupostas, apontando sempre para a possibilidade de que uma criança não sobrevivesse. Assim, em Veneza, acreditava-se que se um lactente mudasse muito de nutriz (“bebia muitos leites”) seu sangue se estragaria e dificilmente sobrevive-

<sup>55</sup> Ibidem, p.187-188.

<sup>56</sup> Para um estudo recente sobre processos inquisitórios contra mulheres acusadas de práticas mágicas e heréticas reenvio a U. Mazzone-C. Pancino (à cura de), *Sortilegi amorosi, materassi a nolo e pignattini: processi inquisitoriali del XVII secolo fra Bologna e il Salento*, Roma, Carocci, 2008, e a bibliografia relativa.

<sup>57</sup> Z. Zanetti, *La medicina delle nostre donne*, Foligno, Ediclio, 1978 (1891).

<sup>58</sup> Cit. in Corrain-Zampini, *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi*, cit., p. 326



ria. Pensava-se que estavam predestinadas a morrer as crianças nascidas “de oito meses” (segundo a crença proveniente de tempos antigos), bem como aquelas que nasciam com dentes. Mas também aquelas cujos dentes nasciam muito cedo e as que tinham primeiramente os dentes superiores, equivalendo a construir-se mal “os alicerces de uma casa”. Não sobreviveriam as crianças cujo “cérebro se fecha cedo” e nem mesmo aquelas muito boas, porque se eram muito boas “Deus as leva consigo”. Também se “muito gordas e cheias de humores” ou se pesavam “muito” não teriam vida longa. E enfim: *Quando as crianças olham para o alto, olham para seus anjos e seguramente morrem; e se querem sempre andar no chão é sinal que amam a terra e morrem*<sup>59</sup>.

Podemos pensar que, se essas e outras crenças do mesmo tipo eram verdadeiramente muito difundidas, serviam também para preparar-se à eventualidade da morte da criança.

Como conclusão destas reflexões, farei referência a dois autores que se dedicaram à mortalidade infantil e que, embora não sejam tão importantes, assinalaram cada um com sua “pequena obra” uma etapa significativa na história da morte e da mortalidade infantil. De um deles já se falou, é o médico veronês Gian Verardo Zeviani, autor em 1775, do texto *Su le numerosi morti dei bambini* (Sobre as numerosas mortes de criança), cuja “mensagem” mais importante é que aquelas mortes começavam a pesar e deviam ser combatidas. Parte da consideração:

*(...) que em grande parte os homens morrem na infância e não é algo de que se possa duvidar; os numerosos funerais de crianças, as relações das parteiras, as famílias bem estabelecidas, empobrecidas e extintas em poucos anos, demonstram-no evidentemente*<sup>60</sup>

Enumera naquela época uma série precisa e arguta de possíveis causas de tantas mortes de crianças e, assim como se começava a fazer, apresenta dados estatísticos relativos a Verona, mas também a Paris, Londres, Viena, Berlim. Geralmente, sustenta ele “aos onze anos de idade o número de nascidos está diminuído pela metade” (a hipótese não se afasta dos estudos mais recentes sobre a demografia histórica). Zeviani tenta tirar os médicos do torpor, convidando-os a utilizar bem sua arte: “Os próprios

<sup>59</sup> D. G. Bernoni, *Tradizioni popolari veneziane di medicina*, cit., Venezia, Filippi, 1968, (1878), p. 33.

<sup>60</sup> Zeviani, *Su le numerose morti dei bambini*, cit., p.6.

médicos, enquanto se ocupam, com sua arte, de prolongar um pouco uma vida já cansada e decrépita, descuidam de conservar a das crianças, que está ainda para ser vivida, para elas e para a República”<sup>61</sup>.

Se Zeviani se preocupava muito em salvar vidas, outros não se conformavam que se perdessem almas. O conde Monaldo Leopardi, pai de Giacomo Leopardi, escreveu um pequeno livro que não lhe foi permitido publicar nem no seu, nem em qualquer outro dos antigos estados italianos: em 1839 aparecem em Lugano as suas *Considerazioni sullo stato dei bambini morti senza battesimo* (*Considerações sobre a situação das crianças mortas sem Batismo*). O texto foi escrito trinta anos após a morte, no útero, de dois fetos a termo, do sexo feminino. Falando da esposa, assim anotou em seu diário: *Adelaide abortou outras duas filhas, uma em 22 de janeiro de 1806 e a outra em 21 de outubro 1808, mas Deus não quis que recebessem o Santo Batismo, tendo morrido ambas alguns dias após o aborto...*

Trinta anos depois Monaldo ainda não encontrara a paz por causa daquelas almas supostamente vagantes e chegou a conclusões diversas dos ensinamentos teológicos tradicionais. Não aceita a invenção do Limbo que, alega ele, repugna à razão e, conquanto não acredite nas “Madonas que choram”, no que se refere tanto às suas filhas mortas, quanto a todas as crianças mortas sem batismo, “não vê por qual razão não se possa e não se deva crer que Deus providenciará de modo extraordinário e milagroso” a garantia de sua paz e alegria eternas<sup>62</sup>.

\*\*\*

Em 7 de janeiro de 2010, um título na segunda página do quotidiano *La Repubblica*: “A má assistência à saúde provoca tragédia em hospital. Dois recém-nascidos mortos na mesma enfermaria” nos causa justamente horror. Não só pelo local da morte.

Antes não era assim, não se ficava horrorizado diante da morte de uma criança, principalmente se muito pequena.

A indagação sobre a mortalidade infantil e sobre a efetiva quantidade de mortes de crianças é uma questão que foi deixada como pano

<sup>61</sup> Ibidem, p.5.

<sup>62</sup> [M. Leopardi] *Considerazioni sullo stato dei bambini morti senza battesimo*, Lugano, da tip. Veladini, 1939.

de fundo neste texto, enquanto se procurou mostrar um mundo no qual se sabia que as crianças morriam facilmente por motivos muito diversos, sobretudo porque, dizia-se, definhavam pouco a pouco, ou ficavam doentes e não superavam a doença, e esse "destino" era de algum modo aceito com resignação e com o consolo dado pela religião.

No século XIX, começa a diminuir a mortalidade infantil na Europa, em alguns lugares mais que em outros (a Itália, também neste particular, está atrasada). Na família, a criança passará a ser considerada pouco a pouco mais importante, o batismo será celebrado alguns dias após o nascimento. Será preciso ainda um século para que melhores condições comecem a tornar a morte de uma criança cada vez mais excepcional, e insuportável.

É necessário ainda recordar que até o fim do século XIX a Pediatria não existe, nem na literatura médica italiana algo que se assemelhe a uma produção científica pediátrica especializada, como também era escassa em geral, a atenção médica à infância<sup>63</sup>. Não só não existiam os pediatras, como muitas vezes as crianças doentes não eram tratadas pelo médico, que achava não ser de sua competência ocupar-se de crianças pequenas; estas eram comumente tratadas pelas donas de casa ou pelas parteiras. Grosso modo, o motivo pelo qual, com poucas exceções, os médicos não se ocupavam das crianças, era justamente porque tratavam de seres humanos, enquanto as crianças não haviam ainda demonstrado saber sobreviver e assim, encontravam-se em um estado de humanidade incompleta, de "meia humanidade". Tais considerações levam-nos, de um lado, à definição de infância, do período clássico ao início da Idade Moderna, como "grupo limítrofe" e, de outro, àquele antigo papel infantil (não dissociado da definição agora recordada) de intermediação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos<sup>64</sup>, do qual a festa da Befana, comemorada ainda nos dias de hoje, é um traço residual<sup>65</sup>.

<sup>63</sup> A. Pasi, *Infanzia e medicina. Dalle "rozze femmine" al "medico dei bambini"*, In M. L. Betri-A. Pastore, *Avvocati, medici, ingegneri. Alle origini delle professioni moderne (secoli XVI-XIX)*, Bologna, CLUEB, 1997, p.117-127.

<sup>64</sup> O. Niccoli (a cura de), *Infanzie. Funzioni di un gruppo liminale dal mondo classico all'età moderna*, Firenze, Ponte alle Grazie, 1993. Se vê em parte, O. Niccoli, *Infanzia, terra di frontiera*, pp. 9-20, e A. Benvenuti, *Il culto degli innocenti nell'immaginario medievale*, p.113-143. Cfr. também, Corrain-Zampini, *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi*, cit., passim.

<sup>65</sup> Nota da tradutora: Em relação à celebração da Epifania (6 de janeiro, festa dos Reis Magos, presentes para o menino Jesus) há um costume em algumas regiões da Itália, de presentear as crianças. A palavra Epifania deu origem à palavra Befana, a bruxa que na véspera da Epifania, traz presentes para os pequenos, desde que se comportem. .

Há alguns séculos, as crianças deixavam para os espíritos vagantes dos mortos, na noite dedicada a eles (a Epifania), uma mesa preparada e com presentes. Aos poucos, foram trocados os papéis e um ser de outro mundo é que traz os presentes para os pequenos<sup>66</sup>. Mas afinal também “as nossas crianças”, com esperança de vida além dos oitenta anos<sup>67</sup> fazem realmente parte do mesmo mundo dos adultos?

*As crianças não são como nós. São seres diversos, impene-tráveis, inalcançáveis. Não vivem em nosso mundo, mas em mundo que perdemos e não encontraremos mais. Nós não nos lembramos da infância: Somos forçados a imaginá-la. Nós a procuramos em vão debaixo de uma cobertura de poeira ofuscante e encontramos alguns pedacinhos gastos daquilo que pensávamos que fosse. E, no entanto, os habitantes da-quele mundo estão no meio de nós, como aborígenes, como antigos cretenses, como estranhos que vivem protegidos na sua cápsula temporal<sup>68</sup>.*

<sup>66</sup> Cfr., C. Pancino, Halloween made in USA?, In il *Giornale di Massa*, XI, 2005; Corrain-Zampini, *Documenti etnografici e folkloristici nei sinodi*, cit., passim. Ver também, W. Cesana, 'M' come morte. Il senso della morte e del lutto nei bambini di montagna attraverso tradizioni locali, letture e scritture infantili (tra la fine dell'Ottocento e la prima metà del Novecento), In "*Studi tanatologici – Thanatological Studies*", 4, 2008, p.87-117.

<sup>67</sup> Não é, obviamente, sempre assim. Mesmo limitando-se somente à mortalidade neonatal, as diferenças entre presente (nos países desenvolvidos do ocidente) e passado, são similares? Àquelas entre o norte e o sul do mundo de hoje. “Uma criança nascida em um dos países menos desenvolvidos tem 14 vezes mais possibilidade de morrer durante os primeiros 28 dias de vida, comparada a uma criança nascida em um país industrializado. Os 10 países com as taxas mais altas de mortalidade neonatal (nos primeiros 28 dias de vida) são Libéria (66 mortos por 1000 nativos), Costa do Marfim (64), Iraque (63), Afeganistão (60), Serra Leoa (56), Angola (54), Mali (54), Paquistão (53), República Centro-africana (52) e Lesotho (52). Cinco países (Liberia, Afeganistão, Serra Leoa, Angola e Mali) entre os dez com as mais altas taxas de mortalidade neonatal estão também na classificação dos dez países com a maior taxa de mortalidade materna ou risco de mortalidade materna no decorrer da vida. Nos países industrializados, a taxa de mortalidade neonatal em 2004 era somente de 3 por 1000 nativos. A taxa de mortalidade neonatal global diminuiu em um quarto entre 1980 e 2000, uma redução muito mais lenta em relação à redução da taxa de mortalidade abaixo de 5 anos que diminuiu em um terço. Quase 40% das mortes abaixo de 5 anos se verificam nos primeiros 28 dias de vida, três quartos nos primeiros sete dias. Do mesmo modo que as mortes maternas, quase todas (98% em 2004) as mortes neonatais se verificam nos países de baixa ou média renda”. *Speciale Rapporto UNICEF 2009 – Dati sulla mortalità materna e neonatale* (<http://www.unicef.it/flex/cm/pages/ServeBLOB.php/L/IT/IDPagina/5105>).

<sup>68</sup> Penelope Lively, *Incontro in Egitto*, Parma, Guanda, 2005, p.46-47.

## Referências Bibliográficas

- Badinter, E. *L'amour en plus. Histoire de l'amour maternel*, Paris, Flammarion, 1980.
- Burke, P. *Testimoni oculari. Il significato storico delle immagini*, Roma, Carocci, 2002.
- Cavazza, S. *La doppia morte: resurrezione e battesimo in un rito del Seicento*, in "Quaderni Storici" 50, XVII, 2, 1982.
- Corridore, F. *La popolazione dello Stato Romano 1656-1901*, Loescher, 1906.
- Cuneo, D. *Notizie fisico-storico-morali conducenti alla salvezza de' bambini non nati, abortivi e proietti*, Venezia Niccoló Pezzana, 1760.
- Donati, C. *Ecclesiastici e laici nel Trentino del settecento (1748-1763)*, Roma, Istituto storico italiano per l'età moderna e contemporanea, 1975.
- Duden, B.; Schlumbohm, J.; Veit, P. ed. *Geschichte des Ungeborenen. Zur Erfahrungs- und Wissenschaftsgeschichte der Schwangerschaft, XVII-XX Jahrhundert*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.
- Gélis, J. *Les enfants des limbes. Mort-nées et parents dans l'Europe chrétienne*, Paris, Aubert, 2006.
- Lombardi, M. et al., *Gostanza la strega di San Miniato. Processo a una guaritrice nella Toscana medicea*, a cura de Franco Cardini com um pós-fácio de Adriano Prosperi, Roma-Bari, Laterza, 1989.
- Loux, F. *Le corps dans la société traditionnelle*, Paris, Berger-Levrault, 1979.
- Loux, F. *Le jeune enfant et son corps dans la médecine traditionnelle*, Paris, Flammarion, 1978.
- Manno, A. *Il poema del tempo. Capitelli del Palazzo ducale di Venezia: storia e iconografia*, Venezia, Canal & stamperia editrice, 1999.
- Morante, E. *L'isola di Arturo*, Torino, Einaudi, 1957
- Nono, L. *Sepoltura di un bambino, 1876-1877*, Collezione Nono, Venezia.
- Pancino, C. *Il bambino e l'acqua sporca. Storia dell'assistenza al parto dalle mammane alle ostetriche (secoli XVI-XIX)*, Milano, Angeli, 1984.
- Prosperi, A. *Scienza e immaginazione teologica nel Seicento: il battesimo e le origini dell'individuo*, In "Quaderni Storici", 1999.
- Zanetti, Z. *La medicina delle nostre donne*, Foligno, Ediclio, 1978 (1891).
- Zeviani, GV. *Su le numerose morti dei bambini. Dissertazione accademica*, Verona, Stamperia Moroni, 1775.
- Wassmo, H. *La veranda cieca*, Iperborea 1989 (ed. or. 1981).

Data de recebimento do artigo: 20/05/2010  
Data de aprovação: 31/08/2010  
Conflito de Interesse: Nenhum declarado  
Fontes de Financiamento: Nenhum declarado